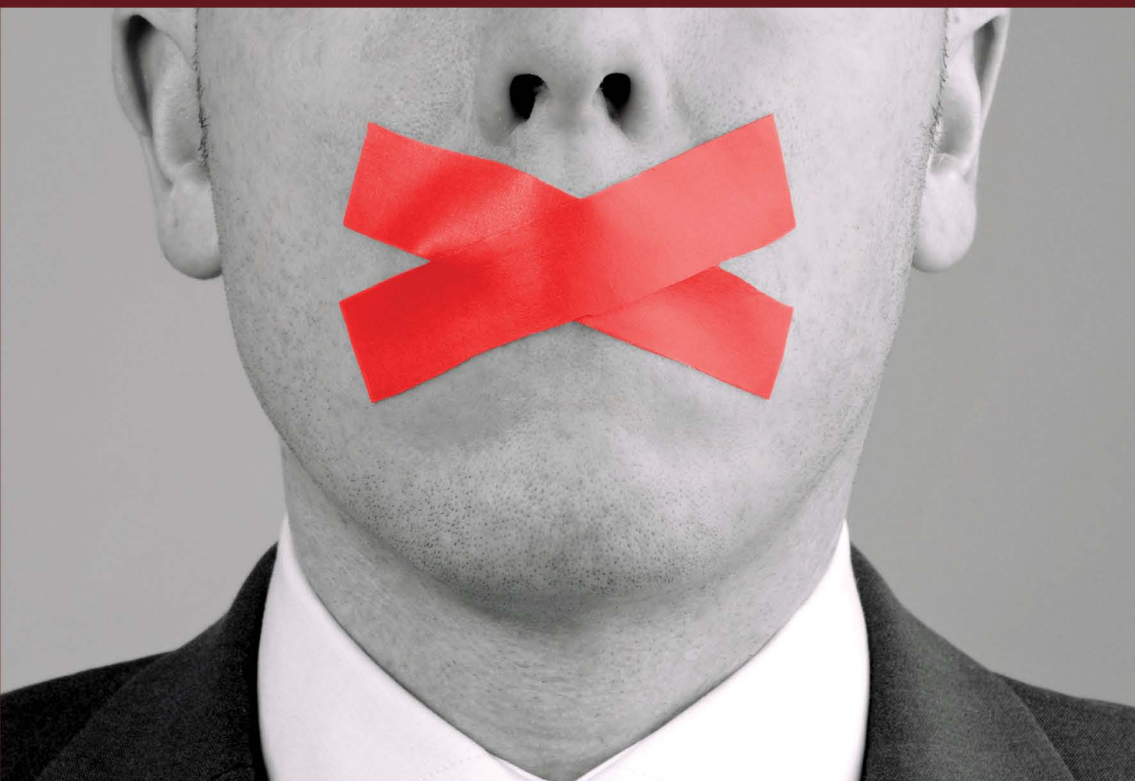


Pedro Fonseca

BLOGUES PROIBIDOS

Os casos que abalaram:

Miguel Sousa Tavares — José Pacheco Pereira — A comunicação social
Câmaras Municipais — O processo Casa Pia



Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda.

Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

BLOGUES PROIBIDOS

Autor

Pedro Fonseca

Colecção

Sociedade da Informação

Revisão, Direcção gráfica e Paginação

Centro Atlântico

Capa

António José Pedro

Imagem de capa

Thomas Lammeyer

Impressão e acabamento

Papelmunde – SMG, Lda

1ª edição

Junho de 2007

ISBN

978-989-615-046-4

Depósito legal

/07

© Centro Atlântico, Lda., 2007

Av. Dr. Carlos Bacelar, 968 – Escr. 1 – A

4764-901 V. N. Famalicão

Rua da Misericórdia, 76 – 1200-273 Lisboa

Portugal

Tel. 808 20 22 21

geral@centroatlantico.pt

www.centroatlantico.pt

Marcas registadas: Todos os termos mencionados neste livro conhecidos como sendo marcas registadas de produtos e serviços foram apropriadamente capitalizados. A utilização de um termo neste livro não deve ser encarada como afectando a validade de alguma marca registada de produto ou serviço.

O Editor e os Autores não se responsabilizam por possíveis danos morais ou físicos causados pelas instruções contidas no livro nem por endereços Internet que não correspondam ao correio-electrónico ou às *Home-Pages* pretendidas.

Apesar de terem sido tomadas todas as precauções, podem ter existido falhas humanas ou técnicas na transcrição dos textos citados (alguns, com destaques nossos) ou nas suas referências. Por essas, ou por quaisquer outras falhas, eventualmente existentes neste livro, quer o Editor quer o Autor não assumem qualquer responsabilidade.

INTRODUÇÃO

Este livro é um exercício de memória.

Recorda seis casos marcantes que ocorreram na blogosfera nacional, esse espaço indefinido onde se encontram blogues escritos sobre os mais variados temas, esse enorme “alter ego” da sociedade portuguesa.

O registo não é o da investigação mas simplesmente do relato, do que foi captado e seleccionado a partir de escritos em blogues e nos media ou – raramente – de exemplos semelhantes no estrangeiro.

A publicação aleatória ou dessincronizada de textos sobre a meia dúzia de casos encontra aqui um relato mais sequencial, menos espaçado. Dá ao leitor uma melhor visão sobre o impacto de cada um deles.

Os casos são marcantes porque foram pioneiros na emergência de problemáticas sobre o mundo dos blogues. Algumas destas questões já existiam na sociedade mas uma plataforma tecnológica de disseminação como a Web elevou-os a um outro nível nunca antes experienciado. Daí, também por essa novidade, surgiu alguma exposição mediática. O assunto não é genuinamente nacional e repete, com as devidas adaptações, o que ocorreu lá por fora.

É também da interacção entre blogues e comunicação social que este livro se alimenta e devolve como contributo para o pensamento analítico da blogosfera (e, como se verá, da própria comunicação social).

A utilização do anonimato como arma política e/ou de influência no sistema judicial, o desemprego provocado pela escrita em blogues ou relacionado com a influência dos poderes autárquicos e a relação próxima com autores de blogues locais, a “pirataria” informática ou as acusações anónimas a escritores e intelectuais resultaram em problemas que será impossível ignorar na história futura da blogosfera.

Dos exemplos relatados, alguns tiveram evoluções no campo judicial. Para se perceber essa envolvente, deixamos uns poucos pará-

grafos para explicitar o terreno por onde andam os autores de blogues, os chamados “bloggers” (blogueiros ou até bloguistas).

Alguns dos casos colocam em causa direitos constitucionais, como o de que “todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações”. E “o exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura”.

Obviamente, entre a lei e a prática vai uma distância que estes casos revelam e mostram também que, apesar dos direitos constitucionais, eles devem ser exercidos sem infracções criminais. De forma sintética, alguns foram acusados no âmbito do Código Penal e dos crimes contra a honra que, no caso de difamação, estabelece que quem “imputar a outra pessoa, mesmo sob a forma de suspeita, um facto, ou formular sobre ela um juízo, ofensivos da sua honra ou consideração, ou reproduzir uma tal imputação ou juízo, é punido (...)”. Isto só não sucede se “a imputação for feita para realizar interesses legítimos” e se “provar a verdade da mesma imputação ou tiver tido fundamento sério para, em boa fé, a reputar verdadeira”.

É igualmente punido “quem injuriar outra pessoa, imputando-lhe factos, mesmo sob a forma de suspeita, ou dirigindo-lhe palavras, ofensivos da sua honra ou consideração”.

Entre a liberdade de expressão e a acusação por difamação ou injúria vai uma pequena distância – tanto mais quando este tipo de situações envolvem, por vezes, disputas políticas.

Por isso, enquanto não existir alguma jurisprudência sobre estes casos, os queixosos avançam para tribunal. Essa jurisprudência é mínima porque a história da blogosfera nacional apenas se iniciou no final do século passado e teve a sua pujança a partir de 2003.

O próprio termo “weblog” apenas existe desde 1997. Ora, uma década é uma ninharia em termos históricos.

Uma nota final para agradecer a todos os autores dos textos citados. Exceptuando pequenos arranjos, os textos são deles. Quaisquer erros são meus.

Um reconhecimento especial para o editor, Libório Manuel Silva. Obrigado pela paciência e pelo título deste livro.

ÍNDICE

Freedom to Copy	7
DESCRIÇÃO DO BLOGUE: acusação de plágio ao livro «Ecuador», de Miguel Sousa Tavares	
AUTOR: anónimos	
Abrupto	31
DESCRIÇÃO DO BLOGUE: temáticas diversas, entre as quais política, cultura, <i>media</i> , blogosfera	
AUTOR: José Pacheco Pereira	
O Diário de Um Jornalista	53
DESCRIÇÃO DO BLOGUE: diário de jornalistas e ex-jornalistas do diário «O Primeiro de Janeiro»	
AUTOR: vários	
Do Portugal Profundo	69
DESCRIÇÃO DO BLOGUE: “ajudar a repor o País no caminho do desenvolvimento, insistindo na reforma moral e das instituições, sem transigir face à corrupção das vontades.”	
AUTOR: António Balbino Caldeira	
Chicken Charles – o anti-herói	89
DESCRIÇÃO DO BLOGUE: sobre a política na Covilhã. “Qualquer semelhança com a realidade é, ou será, pura coincidência...!”	
AUTOR: Chicken Charles (pseudónimo)	
Muito Mentiroso	111
DESCRIÇÃO DO BLOGUE: intervenção no caso Casa Pia	
AUTOR: anónimo	

Para a L., o J., a S. e a.

FREEDOM TO COPY

DESCRIÇÃO DO BLOGUE: *acusação de plágio ao livro «Equador», de Miguel Sousa Tavares*

AUTOR: *anónimos*

Quando se chama ladrão a alguém, é bom apresentar provas. Por isso, o que aconteceu a Miguel Sousa Tavares a 20 de Outubro de 2006 foi, no mínimo, bizarro.

Nesse dia nasceu o blogue *FreedomtoCopy*, encimado com a declaração “Nem todos temos disposição para ser enganados. Quando compramos um livro, devemos exigir que ele seja autêntico. Quando não é estamos perante o quê? Aqui fica o protesto. Por uma questão de higiene!”

O protesto, intitulado “Estranha forma de escrita”, pretendia demonstrar a existência de plágio nas páginas do livro «Equador», apresentado em 2003 por Miguel Sousa Tavares (MST), tendo a suposta cópia origem no livro «Cette nuit la liberté», escrito em 1975 por Dominique Lapierre e Larry Collins.

O blogue revelou alguns exemplos mas o primeiro era imediatamente duvidoso para quem tivesse o livro de MST à mão. Citando o início das duas obras, verificava-se que estava errada no caso de «Equador».

Dizia o blogue: “Luís Bernardo Valença, instalado confortavelmente num assento de uma carruagem de 1ª Classe, recosta-se e observa a paisagem alentejana ao mesmo tempo que vai rememorando as circunstâncias desta sua inesperada viagem. Estava em Lisboa e foi chamado a Vila Viçosa, ao palácio real, onde será convidado a assumir uma função absolutamente inesperada: a de Governador de S. Tomé”.

No caso do livro, as primeiras palavras são as seguintes: “Depois de as coisas acontecerem, é quase irresistível reflectir sobre o que teria sido a vida se se tem feito diferente [...]”.

Só no segundo parágrafo se iniciam as semelhanças entre as frases, a citada e a realmente escrita: “Mas agora, recostado na confortável poltrona de veludo carmim da 1ª classe, Luís Bernardo via desfilarem tranquilamente a paisagem através da janela, observando como aos poucos se instalava o terreno plano, semeado de sobreiros e azinheiras, tão característico do Alentejo [...]”.

MST cita na bibliografia consultada para o seu livro a obra referida no *Freedom to Copy* (FtC) (com um erro porque escreveu La Pierre e não Lapierre). Mas para o autor ou autores do blogue, havia mais semelhanças. “Quem lê a forma como os livros se desenvolvem nota a olho nu variadíssimos pontos comuns. Não só de construção como até de linguagem.

Uma observação mais atenta dá-nos conta de que há parágrafos inteiros que foram pura e simplesmente traduzidos, quase ao pormenor. Outros tiveram uns pequeninos toques: ligeiras alterações de nomes ou de números.

Assim se constituem as fraudes”.

Desta forma, propunha-se a “corrida à cópia” no «Equador» para os interessados irem “descobrir a seu bel-prazer mais algumas pérolas da exploração de trabalho alheio [...] A busca vai começar!”

De seguida, e para se fazer a comparação, foram disponibilizados parágrafos de «Equador» e da tradução inglesa do referido livro francês, sob o título «Freedom at Midnight». Mas enquanto as frases de MST esta-

vam completas, as de Lapierre e Collins estavam coladas e entrecortadas. Leia-se um dos quatro exemplos:

“Quanto ao marajá de Gwalior, esse, imaginou a mais curta e mais extraordinária das linhas férreas de toda a Índia: era um comboio miniatura, também com os carris em prata maciça, que tinha origem na copa do palácio e penetrava na sala de jantar, através da parede. Aí, sentado em frente a um comando cheio de botões, o próprio anfitrião fazia o comboio correr ao longo da extensa mesa, apitando e acendendo luzes e fazendo-o parar diante de cada convidado para que este se servisse do vagão-whisky, do vagão-Porto, do vagão-Madeira ou do vagão-tabaco”.

Miguel Sousa Tavares, ‘Equador’, pág. 247, 1ª Edição, 2003

“The passion of the Maharaja of Gwalior (...) was electric trains. (...) It was laid out over 250 feet of solid silver rails set on a mammoth iron table at the centre of the palace banquet hall. (...) By manipulating his control panel, the prince could pass the vegetables, send the potatoes shuttling through the banquet hall, or order an express to the kitchens for a second helping for a hungry guest”.

Dominique Lapierre e Larry Collins, ‘Freedom at Midnight’, pág. 171. 2ª Edição, 2002.

Passaram apenas três dias até o diário Correio da Manhã descobrir o blogue e, sob o título “Equador em lista negra virtual”, escrever que “o anonimato da blogoesfera continua a fazer vítimas e a mais recente é o jornalista e escritor” MST.

Ao jornal, este “disse não ter conhecimento do caso, o que não obsta a que se sinta magoado com as acusações que descarta tranquilo, mas magoado... Não ia plagiar um livro que é um ‘best-seller’ mundial e é no mínimo estranho que os tradutores não tenham dado pelo plágio. Se

fosse para plagiar não escrevia. Há frases que foram escritas mil vezes na história da literatura, mas tenho o meu próprio estilo. Inimitável”.

Não só o referido livro não era um “best-seller” mundial como os tradutores não têm de ter atenção a plágios.

O diário lembrava um outro caso recente em que o professor universitário e colunista Eduardo Prado Coelho era acusado de plagiar um texto do escritor João Ubaldo Ribeiro, sendo mais complexo. No que começou por circular em mensagens de correio-electrónico e, mais tarde, publicado em blogues, o texto de Ubaldo Ribeiro foi assinado como sendo de Prado Coelho. Nunca se conheceram os motivos ou o autor da partida mas ela propagou-se rapidamente.

O FtC transcreveu o artigo sob o título “Esfarrapado” e, pela assinatura de “lapierre & collins”, escreveu-se que “ao contrário do que [MST] costuma fazer, os autores deste blog não o insultam. Revelam factos. Ele que desminta esses factos. Os livros estão aí, editados, para serem lidos”.

Usando a gíria futebolística, o pontapé de saída estava dado. Ao dar voz a um blogue anónimo, confrontando o autor acusado, o jornal legitimou o que viria a seguir. E não foi pouco.

No FtC, os mais de 300 comentários – muitos deles também anónimos – dividiram-se entre os que não tinham lido a obra, não gostavam do autor e não o liam, os que não tinham lido e agora já não a iriam ler e uns que ficaram curiosos para a ler após a polémica.

A 24 de Outubro, a resposta de MST ao jornal 24 Horas foi menos polida: **“o meu comentário a tudo isso é o seguinte: bardamerda! É o que eu tenho a dizer”**. Assim começava o artigo mas o autor viu-se obrigado a dizer muito mais. Sob o título **“Ele que dê a cara que vai ver o que lhe acontece”**, salientou que “quem se refugia no anonimato para fazer essa acusação, só pode ser movido pela inveja e pela cobardia”.

Entretanto, António Lobato Faria, da Oficina do Livro (editora de

BLOGUES PROIBIDOS

Este livro recorda e organiza seis casos, nacionais, pioneiros na emergência de problemas inesperados no mundo dos blogues. Alguns acabaram nos tribunais – acusados no âmbito do Código Penal e dos crimes contra a honra. Outros mostraram os limites da liberdade de expressão.

Das acusações de plágio a Miguel Sousa Tavares à pirataria informática no blogue de Pacheco Pereira, de processos judiciais a jornalistas, professores ou aos inevitáveis autores anónimos, *Blogues Proibidos* mostra como a escrita em blogues deixou de ser um fenómeno amador e de audiência limitada. Com consequências bastante reais.

Pedro Fonseca é jornalista especializado no impacto social das novas tecnologias. Tem colaborado em diferentes diários, semanários, revistas, projectos na Web, programas televisivos e radiofónicos.

Orador e moderador em conferências sobre novos *media*, recebeu várias distinções e foi membro de júris para a avaliação de projectos multimédia. É um “blogger” activo e atento à blogosfera nacional.

